



A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A MASCULINIDADE EM TEXTOS DE 1840 E 1920 DA LITERATURA BRASILEIRA

André Alves Pereira¹

Fábio Pontarolo²

RESUMO

O presente estudo faz uma reflexão sobre as expressões das vivências, competências e funções do gênero masculino, circundando categorias que apontam para uma representação social do ser homem. Apresenta através de textos literários de dois autores brasileiros, a masculinidade. Ressalta também, o aspecto das masculinidades pelo viés do papel dominação – submissão, enfatizando a identidade masculina e a relação com cotidiano social.

Palavras-chave: Masculinidade, representação social, literatura brasileira.

INTRODUÇÃO

Estudar o homem, enquanto sujeito portador da identidade do gênero masculino consiste em uma discussão recente no campo das ciências humanas e sociais, por se tratar de uma temática que muitas vezes fala por si mesma. Entretanto, existem na sociedade modelos e formas organizativas de cada cultura, que preconizam o que é que se conjuga para o homem. Neste sentido, as conceituações empíricas, que cotidianamente se vêem, são reflexos de cada época. Portanto, estudar o homem é percebê-lo como fruto de um contexto específico.

O presente trabalho tem como foco, aprofundar conhecimentos e entender como se expressa o gênero masculino nas concepções de homem em textos literários dos séculos XIX e XX da literatura brasileira. Todavia, a abordagem de análise requereu uma especificidade em dois autores, que por sua produção literária retratam de modo ímpar o período em que viveram e vivenciaram a sua sociedade. Seus nomes: Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.

¹ Assistente Social formado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2008). Pós graduado em Ciências da Família, pela Faculdade Guairacá. (2010).

² Formado em História, Mestre e doutorando em História pela UFPR. Docente da Faculdade Guairacá.

Indaga-se, por este exposto como referência de análise à concepção e representação da masculinidade em dois contos, sendo um de cada autor. Esta referência nos remete a várias suposições, todavia nos propusemos neste trabalho abarcar um leque de informações conceituais, teóricas e práticas de uma realidade empírica, situada no espaço-tempo e delimitada, cuja fonte primeira de informações são narrativas que contemplam o olhar de ser homem por dois autores homens.

Sabemos que desde o movimento feminista na década de 60, o foco de ligação nas famílias e na sociedade em geral, sofreu uma mudança significativa, modificando as atribuições em torno da figura materna, que se apresentava como a responsável pela, então, “harmonia do lar”. Com o movimento feminista, e a inserção da mulher no mercado de trabalho, a figura masculina passa também a ter novas roupagens e a masculinidade passa a ser reinterpretada e revista.

Como nos propusemos neste trabalho delimitar considerações sobre a masculinidade em textos literários, é importante que se mencione que os textos analisados são anteriores a década de 1960 (ápice do movimento feminista) e aos anos 1990 (conhecida como a década onde ocorreram maiores estudos sobre os homens e conseqüentemente sobre a masculinidade). Assim, a explanação que segue traduz de modo sintético conceitos firmados no período historicamente disposto para análise, cujos valores e funções atribuídas ao gênero masculino ainda permanecem nos dias atuais doravante com algumas ressignificações.

O homem como indivíduo historicamente construído, é por força social um ser em constante mutação. Infere-se, portanto, que não é o homem um indivíduo que se autoconstrói, assim, como também não o é a mulher. Ambos são rebentos da sociedade. O gênero masculino por sua vez assume uma gama de representatividades, de conduta, de posicionamentos, de atitudes sociais, que não lhe são natas, mas assimiladas por uma consciência coletiva disseminada ao longo dos anos e que reforçam a expressividade do gênero em si.

A leitura fundamentada dos contos, proposta neste artigo permitiu considerar que o gênero masculino se faz presente em grande parte das citações, vez que, o objetivo é apresentar justamente este posicionamento no qual o homem aparece como o dominador, aquele que tem a potência, o poder, retratando e reforçando o papel de “macho” na sociedade.

Portanto, quando pensado em estudar o homem e suas representações numa fase cronológica que antecede as próprias teorias sobre a masculinidade, o enfoque dar-se-á, pelo viés da simbologia real de um período com outro, apontando determinados fatos como ciclos mutáveis. Porém, estes ciclos permanecem como remascentes de uma época que se visualizava um poder fortíssimo sobre o processo dominação-submissão, atrelado ao sexo masculino.

Embora distantes cronologicamente um fator de relevância verificado em ambos os contos é o de o homem ser o responsável por mover a sociedade, através

dele que preceitos como: machismo, dominação, provedor do lar e paternalismo, são representações reais na sociedade familiar. Estes conceitos que reforçam o que é ser homem e como se dá estas construções estereotipadas neste meio.

1. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UM CONCEITO TEÓRICO E PRÁTICO

Aprender a ser homem é uma prerrogativa social que engloba uma correlação com o que é ser mulher. A construção de um gênero está permeada pela coligação com o outro e embora díspares nas definições, eles se complementam em sociedade.

As expressões do que é ser homem representam um determinado contexto histórico. Para tanto, analisando essa prerrogativa social que engloba o gênero masculino a que compreendê-lo em sua totalidade e para que algo se constitua em conceito, é necessário avançar para além das aparências, mergulhar em abstrações teóricas fazendo uma correlação com a realidade empírica, na qual o visível representa algo e a sua significação ou representação, torna-se tangente e real.

Neste sentido, falar em representação social é caminhar por conceitos que afirmam e apontam aspectos construtivos das sociedades. Roger Chartier (1998) percebe primeiramente a representação social como um marco que engloba uma abordagem analítica na história das humanidades. Através de seus apontamentos há uma permissividade em perceber os fatos, as coisas, as construções sociais, estruturais, relacionais e empíricas, pelo viés do representado e da representação.

Serge Moscovici (2009) fala sobre a teoria das representações sociais e segundo ele o comportamento humano é algo construído socialmente, movido por regras e sanções, criado e recriado, conforme a necessidade de cada época. O conceito deriva do termo de representação coletiva desenvolvido por Durkheim.

Mas se o detalhe, se as formas concretas e particulares nos escapam, concebemos pelo menos de uma maneira geral e grosseira os aspectos mais gerais da vida coletiva, e são precisamente tais representações esquemáticas e sumárias que constituem as prenoções de que nos servimos para os usos correntes da vida (DURKHEIM, 2002: p.16).

As representações coletivas em Durkheim estavam focadas no aspecto de uma previsão de como ser em sociedade, vez que, segundo o autor os seres concebem de modo real o que é posto em sociedade como vivência genérica de vida.

O que existe, a única coisa que realmente é oferecida à observação, são as sociedades particulares que nascem, se desenvolvem, morrem,

independentemente umas das outras. Se as mais recentes fossem ainda continuação daquelas que as precederam, cada tipo superior poderia ser considerado como a simples repetição do tipo imediatamente inferior, acrescido de alguma coisa. (DURKHEIM, 2002: p.17)

Segundo Alexandre (2004) a representação coletiva seria a transmissão da herança coletiva dos antepassados, que acrescentariam às experiências individuais tudo o que a sociedade acumulou em termos de conhecimento com o passar dos tempos.

Moscovici (2009) não compartilhou da mesma idéia de Durkheim, acrescentou que o indivíduo tem sim uma função, um papel ativo na sociedade. Ao mesmo tempo, que é criado por ela, ele também faz parte dessa construção. Fato, é própria concepção de homem que sofre uma dinamização de tempos em tempos. Por esta análise observa-se que o homem é um agente de seu tempo, à medida que perpassa valores, atitudes e posturas, o faz com o intuito de ressignificar o que é ser homem.

Para a compreensão da representação social, há que se levar em conta não somente os fenômenos quantitativos e nem é suficiente observar o contexto histórico e as suas determinações. Segundo Bourguignon (2001) analisar um fenômeno social implica em compreender as representações que os sujeitos constroem sobre eles, partindo deste modo em uma perspectiva que vai além do fato visível somente. Desta forma, e sobre as observações da autora, a representação social deve apreender o objeto analisado sob diferentes ângulos e áreas do conhecimento, os quais darão ao observador uma visão holística e totalizante.

Perceber o homem tendo como pano de fundo a sociedade, é para as representações sociais um modo de apreender os conceitos que plasmam o indivíduo. “No que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados” (MOSCOVICI, 2009: p.32).

Compreende-se que a representação social do gênero masculino, no aspecto de suas vivências em torno da masculinidade é uma vertente que tange conforme a construção dos atributos, das funções, das formas organizativas, das instituições, dos arranjos sócios que por vezes surgem e/ou fazem surgir formas estereotipadas, que não traduzem em si a essência do ser humano, da real identidade do indivíduo, portanto, não afirmam e nem constituem o que o gênero masculino expressa na sua identidade subjetivamente. Safiotti (1987) explana que “a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumprido pelas diferentes categorias de sexo”.

A noção de representação social em Chartier (1998) e em Moscovici (2009) leva em conta aspectos sociais que fundamentam a existência humana. Para Chartier (1998) a importância é dos signos e dos significados, os seja, existe o símbolo atribuído ao gênero masculino, o de ser homem. A representação social de ser homem é uma construção social, cultural, histórica e dinâmica, que cada sociedade possui. Desta forma, ter atitudes de homem e coagir com a simbologia atribuída ao gênero, assim como ser mulher requer uma representação específica.

A representação social aparece como uma forma de compreender como e porquê os homens agem de certos modos e em certas épocas, afirmando uma especificidade da sociedade em que se vive ou mesmo naquela em que não se viveu e, que através da cultura há uma imposição de valores e práticas já prontas, que representam um dado momento cronológico da historicidade e do que os homens atribuíram a ela.

A noção representativa dos fatos e da sociedade através da teoria das Representações Sociais trouxe às ciências um amparo, uma dinamização, uma leitura focada no cotidiano e nas relações entre os homens, capaz de perceber na cientificidade analítica das realidades humanas o que se pensa e se entende sobre os símbolos e a significação que cada sociedade construiu sobre eles.

2. A MASCULINIDADE EM MACHADO DE ASSIS E CARLOS DRUMONND DE ANDRADE

Falar de masculinidade requer um apanhado de informações, que enfatizam a discussão do homem na sociedade e refletem a importância em reconhecer a temática exposta. Embora sempre presentes nas sociedades, o homem não se percebia enquanto gênero masculino objeto de estudos. Para Lang (2004), as ligações entre os gêneros sempre existiram, mas pelo papel e função de dominador o homem não se achava objeto de estudos, suprimindo de si essa simbologia de ser homem e expressar como tal, desconsiderando estudos sobre as vivências masculinas.

Portanto, o homem permaneceu por um longo período da história na sombra das discussões, teóricas e acadêmicas. Coube as mulheres o papel de categoria a ser observada e analisada, partia-se do pressuposto de que o “diferente”, o submisso merecia um olhar mais atendo e para tanto era motivos de estudo. A dominação masculina presente na sociedade não permitia uma visão endógena do homem sobre o seu gênero. “Eram elas a diferença, o problema e a categoria a ser observada, classificada, dissecada.” (LANG, 2004: p.108).

Com o movimento feminista na década de 60 e a preconização de uma politização da emergência dos estudos enfocados na mulher, o homem viu-se numa

nova conjuntura, na qual ele não era mais o foco central, no que compete a presença da divisão sexual social. O forte deste movimento era justamente mostrar que a mulher merecia destaque nas artes, nas ciências, enfim no mundo, pelo mesmo motivo que o homem, ela existia e possuía uma igualdade impar com o homem, o de ser humano.

A categoria homem caracterizava-se, assim como o Cristo na hóstia, por uma presença real, mas oculta, pois embora funcionasse como referente de qualquer explicação sociológica, não era jamais especificada como categoria sociosexualizada, disse Nicole-Claude Mathieu falando de seus próprios trabalhos. E de um modo verdadeiramente pioneiro ele anuncia a inseparabilidade das duas categorias de sexo, que, assim, formam um sistema. (LANG, 2004: p.108).

Para Badinter (1993), o movimento feminista trouxe uma crise no aspecto da masculinidade, pois os homens sentiam-se ameaçados no cotidiano pelo avanço e postura ativa da mulher. O acesso das mulheres no mercado de trabalho, nas escolas, era visto como afronta à masculinidade.

Assim, ao analisar a masculinidade em textos literários, leva-se em conta, e de imediato, a noção espaço temporal, no qual os textos foram escritos. O contexto histórico no qual os autores escreveram os referidos textos e a sociedade onde o homem (gênero masculino) estava inserido, fatores estes que são constituintes da masculinidade presente nas entrelinhas de cada conto.

Na análise que segue, foram abordados dois contos de diferentes autores, ambos de renome na literatura brasileira. O conto intitulado “O conto da Escola” do escritor Machado de Assis, revela com descrições minuciosas algumas características fundamentais atribuídas ao gênero masculino do ano de 1840. Já em “Câmara e Cadeia”, conto do autor Carlos Drummond de Andrade, encontramos formas, papéis e condutas do expressar-se como homem na sociedade do período de 1920. Estes dois contos traduzem cada um no seu tempo, uma masculinidade que embora distante do atual período, século XXI, tem uma aproximação em muitas vertentes conceituais e empíricas que socialmente, ainda são atribuídos ao gênero masculino.

Para elucidar as obras analisadas, seguem duas breves sinopses, que tem como objetivo apontar resumidamente aspectos da trama de cada conto que retratam de modo conciso a grandiosidade e a erudição de detalhes da literatura brasileira.

No Conto da Escola, obra de Machado de Assis. O cenário é uma escola e o ano é 1840. Pilar era um menino esperto que por vezes gostava de cabular aulas, porém quando seu pai descobria, Pilar levava uma surra de vara de marmeleiro. O pai de Pilar havia projetado para a vida do filho uma posição comercial altíssima, portanto, faltar aulas implicava em não conseguir atingir tal objetivo.

Pilar tinha um professor chamado Policarpo que era um homem severo de cinquenta anos. Na turma de Pilar estudava também o filho do professor, um menino de cor pálida, com cara de doente e dificilmente o viam feliz, seu nome era Raimundo. Raimundo não tinha a facilidade que Pilar possuía na escrita, assim certo dia resolveu pedir a Pilar para que o ajudasse na lição, em troca ele lhe pagaria. De início Pilar hesitou, pois conhecia a autoridade do professor em sala, mas por fim cedeu. Curvelo outro colega de classe presenciou toda a trama do pagamento de Raimundo pelos ensinamentos de Pilar. Repentinamente, o professor chama a atenção de Pilar e do filho pelo ato realizado, informando-os da gravidade do problema. Pilar e Raimundo receberam doze palmatórias, além é claro, da exposição vexatória ante a turma. Pilar queria brigar com Curvelo, mas não o fez. O sonho de ter uma pratinha (o pagamento) não aconteceu, e no dia seguinte Pilar até pensou em procurar a pratinha que Policarpo jogará pela janela da escola, mas no caminho para a escola encontrou a companhia de soldados e acompanhou a batida do tambor. Pilar aprendeu duas lições importantes a da corrupção e da delação.

Câmara e Cadeia, conto de Carlos Drummond de Andrade o cenário principal é uma câmara de vereadores. A discussão dos vereadores está em torno de cobrança de taxas para afinador de piano. O ano era de 1920. Na sala da Câmara estavam presentes cinco vereadores, e desses cinco, somente Valdemar que também era professor de Ginásio e defendia a taxa de afinação de pianos, era quem vivia cheio de serviços e lutava pelos interesses da comunidade. A câmara de vereadores funcionava no primeiro andar de uma construção, sendo que no sótão ficava a cadeia. Valdemar se indagava de como era ruim ficar ali na câmara desfrutando de bom ar e visão privilegiada enquanto sob seus pés homens se amontoavam em meio à sujeira e umidade do porão. Valdemar ainda se perguntava como cobrar impostos pisando sobre presos?. Repentinamente suas análises foram interrompidas, os vereadores na outra sala estavam alvoroçados. Havia na sala um intruso. Valdemar ao ver o homem já percebera que se tratava de um preso fugitivo. Alguns gritavam, e o homem retrucava em baixo tom de voz. Valdemar pergunta-lhe porque não fugira para outro local e o preso comenta que nem sempre passarinho que está há muito tempo na gaiola lembra como é voar. Neste instante o preso pede para vereador conhecer o chiqueiro que é a cadeia. Valdemar então tenta conversar com o preso e levá-lo de volta pra cadeia, o fugitivo enfatiza que a cara limpa do vereador não o engana e sai depressa fugindo pelas ruas. Valdemar ainda tentou segui-lo, mas foi inútil.

As duas sinopses apresentam um apanhado geral sobre cada conto, todavia, os recortes que seguem são partes das obras analisadas. Portanto, as citações neste artigo constituem a veracidade e originalidade dos contos e das escritas de ambos os autores, que viveram e escreveram num período anterior ao movimento dos estudos emergências sobre os gêneros sociais.

3. AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO MASCULINO

A representação social do homem é um subproduto da analogia presente na sociedade, que o coloca nos patamares e nas funções atribuídas ao gênero masculino a especificidade de cada período histórico. Por esta análise a sociedade é a responsável em um determinado período, citar, mencionar, criar papéis e funções e atribuí-los como característica fundante dos gêneros sociais.

Simone de Beauvoir (1908: p.10) comenta que “não se nasce mulher, se torna mulher”, assim, partia do pressuposto que a mulher nasce com o sexo feminino, mas o que dirá se ela é mulher ou não, são os papéis construídos socialmente.

A pessoa do sexo feminino irá aos poucos se adequando, assimilando e vivenciando valores e posicionamentos sociais, como parte da identidade individual. A citação da autora enfoca o gênero feminino, essa abstração das idéias de Beauvoir pode ser direcionada ao gênero masculino, a qual se pertinente recriada tomaria a seguinte forma: “não se nasce homem, se torna homem”

O nascer introduz o indivíduo na sociedade que já está pronta e permeada de símbolos. A identidade do indivíduo, neste aspecto, é um fator preponderante, pois, ao se identificar com um gênero, o indivíduo humano terá uma identidade real.

Wasserman (2002) comenta que a identidade ao ser plasmada, tem sua origem, no que acontece na sociedade, e aqui se fala em uma identidade social, aquela que age como caracterizadora de modos de ser e expressar-se de acordo com o gênero. Neste sentido, observa-se que a identidade individual, por sua vez, abrange aspectos subjetivos que traduzem um modo de ser muito peculiar e único e que indiretamente sofre as incidências de uma moralidade pública atuante agindo como construtora de conceitos.

Portanto, ao pensarmos a masculinidade, podemos aprendê-la como as características que fundamentam e dão vida ao que é ser homem e o que se exige da pessoa do sexo masculino, para que possa apresentar características típicas do gênero.

Numa visão genérica na sociedade, temos, segundo Carloto e Coelho (2007), quatro conceitos sobre a masculinidade. A hegemônica aparece como aquele fundado nos preceitos heteronormativos, nos quais se diz que todo homem é heterossexual tornando claro o poder de dominação do homem sobre a mulher. Por sua vez a masculinidade subordinada está situada no campo do gênero masculino, ou seja, a dominação, opressão que sofrem homens homossexuais por homens heterossexuais.

As autoras citam ainda a masculinidade cúmplice, cujos preceitos culturais estão direcionados para uma abstração geral da masculinidade hegemônica, todavia, não se assimila totalmente, mas há uma forte conotação com o tipo de

vivência masculina, mas bem aceita em sociedade. Por conseguinte, os aspectos de uma masculinidade marginalizada são aqueles que fundamentam a essência do seu existir nas relações entre os diversos tipos e conceitos de masculinidade, tangendo para uma realidade focada nos grupos étnicos, nas classes sociais e nos fatores de dominantes e dominados.

Estas formas conceituais tratam de expressões de dominação atrelada ao gênero masculino, por conseguinte, a leitura sobre a masculinidade é uma mescla das tramas sociais, das relações entre os indivíduos, no qual o homem é o centro, o foco e o norte. Desta forma, implica uma análise que complementa o movimento das sociedades, aonde temos a simbologia, a representação social masculina grafada na cultura, nas artes, na medicina, etc.

Garcia (1998) enfatiza, ao citar Connell (1995), que embora haja, sim, a presença de uma masculinidade que se apresenta como hegemônica, como o patriarcado ou viriarcado, por exemplo. Existem concomitantemente outras refrações de masculinidades. Por isso, quando se fala no papel do homem, a representação que vem a mente, é um conceito de masculinidade geral e mais marcadamente visível. Porém, se adentrarmos nos conceitos reais veremos que há homens que não são viris, nem dominadores e, no entanto, expressam a masculinidade da mesma forma.

No conto de Machado de Assis, encontramos duas figuras masculinas, o pai e o professor, que são típicas de um período formado pelo status social e pelo patriarcado. A descrição do autor sobre quem era seu pai se faz dessa forma “[...] Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante.” (ASSIS, 1981: p.190). Já o professor de Pilar, o menino do conto, “[...] Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais” (ASSIS, 1981: p.191).

As figuras masculinas presentes na vida de Pilar são compostas por um autoritarismo visivelmente descrito. Ser intolerante implica em não ser flexível, e nesta situação Pilar retrata de forma clara o que era ser intolerante com um menino, e como a representação masculina do pai expressava essa simbologia na prática. “Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo” (ASSIS, 1981: p.191).

Segundo Carvalho (2009) no período do conto de Assis, predominava no Brasil uma estrutura política, do reinado de D. Pedro II, o qual tivera sua maioridade antecipada para 14 anos e 7 meses. O conto, por sua vez, fala do gênero masculino, como aquele que é reconhecido pelos padrões sociais elevados. Ao mesmo tempo é um contraste, entre a realidade narrada e a vivenciada pelo Brasil no período.

No conto, temos um menino, que é objeto da construção de uma masculinidade, que vem do pai. “Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me

meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão” (ASSIS, 1981: p.190).

Se levarmos em consideração o aspecto da emancipação dos jovens e da tomadas de decisões fica nítido que o poder da realeza de D. Pedro II, no auge dos seus 14 anos não se traduz de modo homogêneo para com Pilar que mesmo menino sofre as surras do pai. A questão sem sombras de dúvidas está na esfera das classes sociais e nos ditames que as plasmam e que exigem dos pertencentes a elas uma postura condizente.

A maneira com que a sociedade cria e exige dos seus um posicionamento diante dos fatos é uma premissa que aponta para a masculinidade como sendo de fato um constructo social. Desta forma, encontramos no texto um homem já pronto – o pai - e um homem sendo construído – o filho. Por estas observações podemos compreender representações da masculinidade marginalizada que capta a necessidade de se ter um ser que domina e o outro que é dominado. Esse jogo de poder está presente nas relações sociais de pai e filho e professor e aluno.

Os poderes apresentados, vão desde a figura do pai, do homem que educa que quer o “melhor” para seu filho, nem que a força física seja o princípio final, até o professor, que além de ser um detentor do conhecimento é quem, no conto, assume o duplo papel, o de ser pai e professor. Raimundo (filho de Leopoldo) é apresentado com um menino tímido, aparência doentia, um inverso da representação de seu pai. Leopoldo aparece como uma pessoa que exerce o poder, e tem a necessidade de firmar-se enquanto gênero masculino.

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dous, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou [,] se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! traficantes! faltos de brio!.(ASSIS, 1981: p.196)

O relato do conto reflete uma situação posterior ao suposto suborno que ocorrera entre Pilar e o filho do professor que concretizou em uma brincadeira inocente com conseqüências de adultos. O que se exigia das crianças neste período era uma postura de adulto, de homens em miniatura. Não se observava o aspecto do crescimento da criança e a dificuldade de entendimento desta ante o ato que cometeria. Numa ampliação da abordagem da masculinidade Lang (2004) ressalta a importância da compreensão desses estudos quando há um processo de dominação. “A dominação é sempre sustentada por uma justificação naturalista das diferenças, e ao mesmo tempo por uma ocultação do que vivem os dominantes”

(LANG, 2004: p.111), ou seja, o imediatismo da ação de retaliação presente no conto revela a capacidade que o homem tem de manter-se no comando.

Em “Câmara e Cadeia” de Drumonnd, encontramos uma masculinidade situada no campo da compreensão hegemônica e marginalizada. O personagem principal, Valdemar, ocupa na hierarquia da sociedade uma posição privilegiada - é vereador, o que o torna uma pessoa publicamente visível. Neste sentido, expressar seu modo de ser homem requer todo um cuidado e qualquer manifestação de sua sensibilidade pode lhe causar certo desconforto.

Drumonnd retrata as visões de Valdemar, sobre os diversos fatos que o circundam com uma expressividade sensível que lhe salta aos olhos. Propõe a inclinação de um homem que difere dos demais em alguns momentos, pois percebe a sociedade com um olhar totalizante e empático, mostrando-se sensível, por vezes, as dores de outros homens.

O universo das masculinidades presentes na obra de Drumonnd traz como realce dois ambientes estritamente antagônicos. Na mesma construção física onde fica a câmara de vereadores, no porá existe uma cadeia. Dois ambientes estritamente masculinos, cujas funções de homens são díspares pelo posicionamento que ocupam no espaço social. A hegemonia da representação social do que é ser homem denota o cotidiano como um objeto real das vivências acontecerem.

O cotidiano, esse universo real que plasma o indivíduo situando-o no tempo, transmutando culturas, perpassando a sociedade, é o palco da vida social aonde o homem é uma fonte de riqueza que caminha por trilhas que fundam e sustentabilizam a existência humana. Ao verificarmos a posição física do prédio e olharmos a localização da câmara de vereadores, encontramos pela hierarquia socialmente construída sobre a égide do poder parlamentar, o lugar que cada homem ocupa na sociedade. O que delimito inferior do prédio e os vereadores na parte superior ou se Valdemar estaria no primeiro andar ou no porão foi o cotidiano anterior ao momento da escrita do conto.

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (HELLER, 2004: p. 17).

Para tanto, é eloquente que se mencione que o homem vereador não é diferente do homem preso, ambos constituem a essência do masculino, assim como Pilar, mesmo sendo menino, não é diferente de Policarpo ou mesmo de seu pai. Se olharmos para a estrutura social e histórica, na qual os contos foram escritos, temos logicamente períodos significativamente distantes. Na história de Pilar o ano é de

1840, período em que no Brasil ainda remanesca da escravidão de homens e mulheres que, por terem a pele negra foram considerados inferiores. Por sua vez em Drummond o ano é de 1920, sete décadas posterior a obra de Machado de Assis e características como a imposição do homem sobre o homem permanecem firmes e consistentes, mas com realces de mudanças.

Outro fato bastante importante que reflete um aspecto da masculinidade, conforme aponta Bourdieu (2009) é a chamada força simbólica. Segundo o autor ela age como uma forma de poder entre dominados e dominantes atingindo as consciências dos gêneros, grupos ou etnias que serão objetos de dominação, para só então desencadear uma simbologia de poderio, que mesmo na ausência do agressor ou dominante, grifam as marcas e os efeitos de suas ações.

[...] uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-lo na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos. (ASSIS, 1981: p.191).

[...] o medo reúne os homens, faz de quatro deles, na sala, um bolo só. Nessa alternativa escoam-se momentos preciosos para os vereadores e para o preso. [...] é impossível que não apareça algum soldado, mesmo ébrio. O secretário, o amanuense, o fiscal-geral surgirão a qualquer instante, ou, se também andarem escondidos nalgum buraco, hão de pedir socorro. E a cidade libertará seus representantes. (ANDRADE, 1984: p.47).

No período estudado a presença do professor Policarpo(citação de Assis) exerceu uma força simbólica sobre os alunos, transformando esse poder muito mais um autoritarismo do que respeito. A ordem supostamente conquista da sala de aula deriva da presença masculina autoritária. Não se questionava nada, se vivia o momento, a base de uma humilhação típica da masculinidade impositiva. No conto de “Câmara e Cadeia”, a fala de Valdemar demonstra com clareza o papel do homem que tenta manter a ordem para não desmerecer a sua função social.

No trecho acima, transcrito de Drummond, encontramos um posicionamento que prima pela representação social do soldado, do secretário e do fiscal-geral, todas essas representações aparecem com o intuito de mostrar ao preso que no caso de qualquer tentativa de agressão ou mesmo de fuga as autoridades logo chegariam. Portanto, as nomenclaturas, expostas nos remetem àquilo que as pessoas fazem e/ou são enquanto indivíduos e os papéis sociais que representam. Logicamente que em “Cadeia e Câmara”, o poder simbólico se faz presente quando há necessidade de firmar uma situação, cuja referência seja a projeção daquilo que o indivíduo faz.

Por este exposto, o que define as ações do homem em sociedade, ora são conceitos estruturados sob a dominação, ora são atributos que perpassam de gerações para gerações e são assimilados como parte integrante das expressões do viver masculino e modos de ser típico do gênero. Não há desta forma em nenhum dos textos uma conotação passiva do homem, antes, existe uma emblemática que aponta para o aspecto de ser ele o agente ativo na sociedade. Assim, cria-se “O poder do macho, embora apresentado várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-branco.” (SAFIOTTI, 1987: p. 16).

Evidencia-se, que a presença ativa do homem permeia toda a sociedade, uma vez que incumbe a este gênero a tomada de decisões, a de trabalhar, de manter a casa, de ser o responsável pela política, pela ordem. Assim, há também a simbologia do papel de dominação do homem sobre o homem, que é reforçado quando uma das partes ocupa determinada posição social.

- Escute. Se você, em vez de subir, tivesse saído pela porta da rua, eu não iria atrás para pegá-lo. Não é meu ofício. Mas você veio cá em cima e confessou ter escapado por um jeito que deu na fechadura. Sinto muito, meu filho, mas eu vou levar você de novo lá para baixo. E é já. (ANDRADE, 1984: p 47).

A simbologia do poder está centrada, nos textos, no indivíduo masculino. A figura feminina aparece em Machado de Assis com a função de mãe: “Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição”. (ASSIS, 1981: p. 196). A postura de Pilar ante a mãe denota o reconhecimento de que é preciso explicar uma justificativa às palmatórias, porém se fosse o pai certamente haveria um castigo, deveras como a da surra de vara de marmeleiro que havia levado, conforme já citado nesta análise.

No conto de Machado de Assis, a mulher não está na centralidade das discussões do autor, bem como também não está nos textos de Andrade. O que prepondera são papéis atribuídos ao gênero masculino, o professor, o pai, o filho, o preso e o político, são personalidades que revelam cada um a seu modo, uma peculiaridade das expressões de ser homem. O que aproxima os personagens, em ambos os textos, são as tramas construídas sobre o gênero masculino e que denotam funções típicas dos homens, reforçando o caráter dominador e ativo na sociedade.

A masculinidade como expressão de cada cultura é percebida, nas análises, como o reflexo daquilo que a sociedade atribui ao gênero masculino. Na sociedade do século XIX, a presença do homem, como o responsável por mover a sociedade, era uma premissa visível em todas as conjunturas. Assim, fica evidente no conto de Machado de Assis que a importância, de nascer com o sexo masculino era tanta que, no ambiente escolar somente foram descritos por Machado de Assis meninos

estudando. Por sua vez na obra de Andrade escrita no século posterior, encontramos uma realidade não escolar, mas política, na qual o cenário é uma câmara de vereadores, cuja função social é da legislar, propondo à sociedade algumas normas e leis construídas por homens.

Nestes dois espaços físicos é possível perceber como é construída a masculinidade nos eixos que sustentam a sociedade. No processo educação o foco é disseminar o conhecimento garantindo que os indivíduos homens tenham maiores oportunidades de crescimento profissional. Na política os vereadores em tese, já assimilaram parcelas do processo educacional no que tange as contribuições inerentes à escrita, leitura, conhecimento das leis, portanto, nesta segunda situação, o que vemos são homens, que congregam do mesmo espaço público e com responsabilidades de mover a sociedade no quesito leis.

A respeito do espaço público e do privado Lyra e Acosta (2008) comentam que, atribui-se, historicamente o espaço da rua dos carros, do comércio, do governo, ao homem. Por sua vez o espaço que coube ao gênero feminino era o ambiente doméstico, da casa, bem como, incumbiu-se a mulher o processo de cuidar da prole originando, assim, chavões como “cuidar de crianças é coisa de mulher”, reafirmando o caráter submisso do gênero em sociedade.

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplendido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal eram amarelas. [...] Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola[...] Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros[...] (ASSIS, 1981: p. 196)

A Câmara Municipal discutia o orçamento para 1920, e os dois vereadores ponderavam ponto por ponto cada título da receita.[...] Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições, ao funcionalismo, a tanto compromisso, torna-se imperioso lançar novos impostos, criar taxas inéditas, como essa de afinador.[...] (ANDRADRE, 1984: p.42)

Salientar a diferenciação destes dois espaços esboça a realidade na qual a cultura é fator que contribui para a desigualdade entre os sexos. Quando o espaço público é referenciado para ações dos homens denota-se uma postura social que não aceita a inserção do público feminino nesta área, bem como, se o homem está nos afazeres de casa também não será bem visto aos olhos da sociedade.

Em “Câmara e Cadeia”, Andrade afirma que para realidade de 1920 havia uma naturalidade da presença do dominador nas ações da sociedade. Ao mencionar a câmara de vereadores não é citada nenhuma mulher na função de legisladora. Isto reflete um dado histórico importantíssimo, o de que somente após a revolução de 30 é que foi permitido à mulher votar, bem como, ser votada.

A respeito desta temática Schpun (2004), explana sobre a trajetória de Carlota Pereira de Queiroz a primeira deputada federal brasileira que, segundo a autora, não foi somente a precursora da mulher na política brasileira, mas aquela que mediou os pólos antagônicos, até então postos entre o masculino e o feminino.

Para tanto, um paradoxo se firma ao descermos o olhar para a cadeia, ela está repleta de indivíduos homens que, sancionados pelas leis da época, cumprem pena e o seu saldo com a sociedade. Porém, fisicamente encontramos uma estrutura muito peculiar, na qual o espaço – o porão – é um universo privado é que pela sua posição inferior estaria subjugando os detentos ao aspecto da subordinação do homem pelo homem.

A masculinidade toma um revês de análise, em termos de construção das vivências dos homens, é desconsiderado que o apenado tenha expressado a masculinidade em suas ações e ainda que seja homem portador de direitos. “- Os outros ficaram, respondeu calmamente o preso. A maioria está doente por causa da comida (é uma lavagem de porcos) e por falta de exercício. Não quiseram me acompanhar. E eu não teimei com eles.” (ANDRADE, 1984: p. 45).

A masculinidade em Assis, gira em torno do processo educação, a figura do pai de Pilar revela um personagem que age de acordo com o conceito de ser homem que lhe fora incumbido, cujo modelo ele solicita do filho dentro dos moldes de uma inserção e dedicação à escola. A figura do professor, por sua vez, aparece não somente como o detentor do conhecimento, mas aquele que assume nas expressões de sua masculinidade a autoridade inerente a função exercida. Neste sentido, a própria trama de discussões entre os meninos na sala de aula mostra que embora haja um modelo de masculinidade que prepondera nas sociedades, cada indivíduo assume partes dela, tendo como base as cobranças sociais impostas e as sanções aplicadas aos que fogem destas normativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A masculinidade, como uma representação social, expressa o *modus vivendi* de cada período histórico, daquilo que o gênero masculino vivencia como características de sua competência. Nas obras analisadas, o papel do homem mostrou-se ativo, perpassando-o como sendo ele o responsável por mover a sociedade.

Neste íterim, observou-se teoricamente, dentro das referências utilizadas para este trabalho, que o papel do homem não assumiu somente uma função de macho social, antes um ser que se expressa política e racionalmente sobre os demais, enfatizando a sua representação sobre os signos que ele mesmo construiu e através dos quais formam a sua identidade.

A masculinidade deste modo é uma construção que se apresenta também como parte do cotidiano, expresso e vivido pelos grupos sociais. O homem, em Machado de Assis e em Carlos Drummond de Andrade, traz a teia social e analítica essa prerrogativa, quando os indivíduos e/ou personagens de cada conto se identificam e apresentam uma espécie de pertencimento ao grupo em que estavam inseridos. Denota-se, assim, a importância da análise histórica e cultural no qual estão imersos os homens e a contribuição desta para a representação social da masculinidade.

Há que se mencionar, que o processo de reconhecimento das expressões sociais e de dominação do homem em sociedade é retratado desde os primórdios da civilização. O recorte que se fez neste trabalho, teve como propósito, explicar que no Brasil a contribuição da literatura permitiu retratar e gravar no tempo, conceitos que culturalmente delimitam um determinado período da história, no qual a peça propulsora na sociedade esteve focada no sexo masculino.

A simetria de apresentar o homem de 1840 e 1920 foi o de apontar o papel dos homens na sociedade brasileira, tangenciando-os na compreensão de que a cultura toma uma perspectiva realista e prática na disseminação de conceitos e representações das identidades passando, de geração a geração, conceitos e práticas de masculinidades que ainda vigoram nos dias atuais, nas famílias, nas comunidades e na sociedade como um todo.

Compreende-se deste modo, que a masculinidade se dá como uma forma de representar o social e os preceitos que a sociedade entende sobre o homem e o gênero masculino. Retratando ainda, o homem como um agente ativo, que atua sobre as suas expressões reforçando o caráter da força e do poder.

O estudo procurou apresentar, como acréscimo, que o papel de cuidar de dar carinho, de mostrar afetividade para com a prole, não foi a centralidade do homem estudado nos contos. Assim, esmiúça-se que a visibilidade de “ser homem” estava focada na questão material. Esta cultura prepondera nos dias atuais, com realces de dinamismo.

Superar alguns conceitos presentes na cultura da masculinidade parece uma tarefa árdua e difícil. As análises realizadas neste trabalho traduziram que tal postura é possível de ser modificada, como podemos observar as funções que os homens atualmente desempenham.

Deste modo, é possível, ainda, apontar que as representações sociais do gênero masculino têm sido significativamente dinamizadas e, que os textos, que foram a base deste trabalho, contêm expressões importantíssimas de homens sensíveis à sociedade que os cercavam na época descrita, cujo teor de suas análises trouxeram a arte literária não somente mais um texto, mas sim, uma obra literária, rica em observações do cotidiano masculino do homem na família, na política e na educação e na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX.

A visão analítica acerca do homem, e daquilo que é exigido para ele atualmente, é uma representação que firma a consistência de seu posicionamento nas análises da representação social de Moscovici quando este aponta que ele, o homem, não é somente um ser responsável por retransmitir conceitos e modos de ser, antes, é um ser dotado de capacidade racional, que pode ser aquele que pensa e age sobre as suas ações transformando-as e, sendo modificados por ele. Como consequência, temos uma representação social ativa de masculinidade, que é capaz de ser emancipatória nos indivíduos, modificando atitudes dominadoras para algo mais equânime entre os sexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social: uma genealogia do conceito**. Rio de Janeiro Rev. Comum. V.10-nº 23-p.122 a 138.Jul/Dez , 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Câmara e cadeia**. In: Contos de aprendiz. 23ª Ed. Rio de Janeiro: Record.1984.

ASSIS, Machado de. O conto de Machado de Assis: antologia. Org e Intr. Sônia Brayner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Birtrands Brasil, 2002.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A pesquisa sobre representações sociais no contexto do serviço social**. In: Rev. Emancipação, Ponta Grossa, UEPG. 2001.

CARLOTO, Cássia Maria. COELHO, Sandra Maria Pinheiro de Freitas: **Os sentidos da masculinidade nas relações de gênero e a violência afetivo-conjugal**. In: Rev. Emancipação, Ponta Grossa, UEPG. 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.12ª Ed.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

DURKHEIM, Émile. 1858-1917. **As regras do método sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

GARCIA, Sandra Mara. et al (Orgs). **Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero**. In: Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECOS, 1998.

HELLER, Agens. **O Cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7ª Ed. São Paulo:Paz e Terra,2004.

LANG,Daniek Welzer. et al (Orgs). **Os Homens e o Masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Crua, Edunisc, 2004.

LYRA, Jorge. et al (Orgs). Homens e cuidado: uma outra família?.In Família, redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**; editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SAFFIOTTI, Heleieth I.B: **O Poder do Macho**.São Paulo: Moderna, 1987

SCHPUN, Mônica Raisia et al (Orgs). **Os Homens e o Masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir Hoje/Simone de Beauvoir [entrevistas concedidas a]**; Tradução de José Sanz. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SOCIAL AND REPRESENTATION OF TEXTS IN MASCULINITY 1840 AND 1920 BRAZILIAN LITERATURE

ABSTRACT

This study reflects on the expressions of lived experience, skills and roles of males and circled categories that point to a social representation of being a man. hows through literary texts of Brazilian authors, masculinity. It also emphasized the aspect of masculinity from the perspective of the role domination - submission, emphasizing the masculine identity and its relationship with everyday society.

KEYWORDS: Masculinity, social representation, Brazilian literature.

Recebido em 09 de dezembro de 2010; aprovado em 07 de janeiro de 2011.